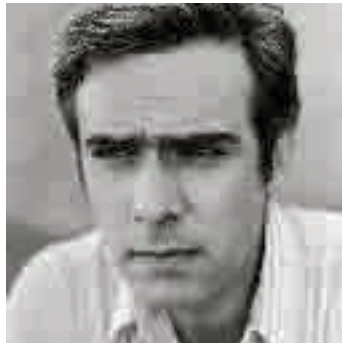


101

ATRAÇÕES
DE TV QUE
SINTONIZARAM
O BRASIL

Patrícia Kogut





TV: QUEM TE VIU, QUEM TE VÊ

Nada – nem chiclete, nem topete, nem ray-ban, nem band-aid, nem lambreta, nem Grapete, new twist ou iê-iê-iê –, nada deixou o Brasil mais pop e mais antenado do que a TV. Nem mais americanizado, pois ao abrir o primeiro canal, no raiar dos anos 1950, o pioneiro Assis Chateaubriand não seguiu o modelo da inglesa BBC, uma TV pública, mas a fórmula “Nossos comerciais, por favor” das redes dos Estados Unidos. A questão, portanto, nunca chegou a ser Tupi *or not* Tupi, mas TV *or not* TV: ou haveria anúncio ou não se veria TV no Brasil. Ainda assim, nos seus primórdios, por mais moderna que se anunciasse, a TV brasileira parecia uma mistura um tanto sem jeito de teatro e rádio, com uma garota-propaganda no meio. Fina ironia, pois, com o advento da TV, o teatro perdeu o rebolado e alardeou-se uma espécie de já era do rádio. Do reclame ninguém reclamou: era parte da novidade.

De qualquer modo, a TV já chegou dando sorte ao Brasil, pois foi ao ar pela primeira vez em 18 de setembro de 1950, exatos dois meses e 48 horas depois do mais azarado dia da pátria de chuteiras, 16 de julho, quando, pelas ondas do rádio, o Uruguai arrebatou a Copa do Mundo diante de uma suposta “nação de vira-latas”. A TV virou o jogo – e nem passou a reprise. Logo a seguir, entrou em campo para deixar o Brasil ao vivo até em videoteipe (recurso por meio do qual, aliás, seriam vistas as inesquecíveis Copas de 1958 e 1962). Sintonizando o país de cabo a rabo, a TV fez tudo mais colorido, mesmo quando ainda só transmitia em preto e branco. Ligada, deixou nossa vida por um fio e botou todo mundo com o dedo na tomada.

Mas não foi uma TV aproveitadora, nem ególatra: afinal, ela reinventou a dramaturgia do país, impulsionou sua música (Jovem Guarda e MPB lhe devem muito), bebeu na fonte de sua literatura (expandindo-lhe o alcance), eletrizou seu jornalismo, consagrou sua propaganda. De certa forma, virou seu cinema novo, sua nova bossa, seus tambores e clarins e também sua rede social, bem antes da própria. Porque é evidente que o Brasil encontrou na telinha uma de suas mais efetivas formas de expressão e, por meio dela, lançou seus artistas mais amados, seus mais odiosos vilões, seus parques heróis de verdade; propagou suas fofocas e notícias, viveu seus anos dourados, seus anos de chumbo, seus velhos sonhos e suas antigas obsessões, como você verá nas nossas próximas atrações... Claro que junto vieram fantasmas, chuviscos e imagens distorcidas: a nação parada na frente da TV, sem saber se vai para cima ou para baixo, nem para qual lado, como se com defeito no horizontal e no vertical. Mas não era um problema da TV, era? Porque, se fosse, um Bombril na antena resolveria o caso.

A jornada que levou o Brasil de 50 milhões de habitantes e 375 televisores no alvorecer dos anos 1950 ao Brasil de 200 milhões de pessoas com 189 milhões de TVs nos anos 2000 é o nascimento de uma nação, projetado não em cinemascope, mas com raios catódicos e ondas eletromagnéticas, no analógico e no digital, com direito a repeteco e pay-per-view de graça no canal aberto. Para nos conduzir em tal passeio por essa divina comédia da vida privada não poderia haver guia mais apropriada do que a jornalista Patrícia Kogut, que há duas décadas e um piscar de olhos se mantém senhora do controle remoto,

zapeando por um labirinto de canais para separar o joio da joia e resenhar para dezenas de milhares de leitores o que vale a pena ver de novo ou de velho nessa enxurrada de imagens nossas de cada dia.

TVA, TVE e TVZ, ABC, BBC e MTV, CNN, Espn e Sportv, *TV Pirata*, *TV Mulher*, TV Futura, TV aberta, TV fechada, TV a cabo e ao largo – Patrícia tudo vê e quase tudo sabe, tendo se tornado a mais respeitada crítica de TV do Brasil pois, embora trabalhando no jornal *O Globo*, da mesma empresa que é dona da mais importante rede de TV do país, jamais misturou alhos com bugalhos e sempre distribuiu suas notas com critério, parcimônia e conhecimento de causa. A bem dizer, ela faz um mix de Márcia de Windsor (“Minha nota é dez”) com Zé Fernandes (“Dou-lhe zero”), jurados do *Programa Flávio Cavalcanti*, um dos tantos personagens vintage que este livro resgata em seus deliciosos 101 canais. Aqui, como no jornal, Patrícia preferiu fazer uma escolha pessoal e intransferível – e, como tal, arriscada. Mas não há como duvidar que ela circulou por todo o universo da aldeia global, sem fazer programa de índio.

Embora nesta segunda década do século XXI a TV brasileira encare seus duplos e anteveja suas nêmesis, ela segue aberta, no ar e bem ligada no país. Ainda assim, ou talvez por isso mesmo, desperta, todos os dias, um esquisito estranhamento: você senta para acompanhar a trama e logo percebe que a direção é fraca ou inexistente; que o roteiro, apesar de confuso, não deixa de ser previsível; que os atores são tremendos canastrões e que o fim ainda está longe... Só quando está prestes a trocar de canal, entende que não está vendo um dramalhão mexicano: é o noticioso. Mas, de novo,

não é um problema que um Bombril resolveria. Até porque nem se usa mais antena.

Patrícia Kogut segue atendida e, nas páginas seguintes, conecta o país com seu passado e seu futuro nestas 101 atrações e mil e uma noites que sintonizaram o Brasil.

— *Eduardo Bueno*
Curador da coleção Brasil 101

Sumário

Assis Chateaubriand, 13	Os enlatados, 93
Cassiano Gabus Mendes, 16	O direito de nascer, 97
Hebe Camargo, 18	Glória Magadan, 98
Lima Duarte, 21	Augusto César Vannucci, 100
Walter Avancini, 25	Festivais de música, 102
Fernanda Montenegro, 26	Jovem Guarda, 105
Grande Teatro Tupi, 29	Milton Gonçalves, 108
Manoel Carlos, 32	Regina Duarte, 111
Ivani Ribeiro, 35	Tony Ramos, 113
Maurício Sherman, 36	Roberto Marinho, 117
Repórter Esso, 38	Benedito Ruy Barbosa, 121
Boni, 41	Dina Sfat, 122
Chacrinha, 44	O Homem do Sapato Branco, 125
Walter Clark, 47	Daniel Filho, 127
Almoço com as estrelas, 50	Família Trapo, 129
Chico Anysio, 52	Jô Soares, 133
Fernando Barbosa Lima, 56	Paulo Gracindo, 137
Flávio Cavalcanti, 58	Antonio Fagundes, 139
Praça da Alegria, 61	Balança mas não cai, 142
Betty Faria, 63	Dias Gomes, 145
Glória Menezes, 66	Beto Rockefeller, 149
Tarcísio Meira, 69	Gloria Pires, 151
Carlos Manga, 72	Jornal Nacional, 153
Francisco Cuoco, 75	As Copas do Mundo, 156
Os Trapalhões, 77	Topo Gigio, 159
Susana Vieira, 80	José Wilker, 160
Silvio Santos, 83	Gilberto Braga, 163
Cláudio Marzo, 86	Globinho/Globo cor especial, 165
2-5499 Ocupado, 89	Globo de Ouro, 166
Janete Clair, 91	A grande família, 168

Selva de pedra, 171
Vila Sésamo, 173
O Bem-Amado, 175
Fantástico, 177
Gabriela, 181
Escrava Isaura, 183
Hans Donner, 186
Sítio do Picapau Amarelo, 188
Aguinaldo Silva, 191
Abertura, 192
Carga pesada, 195
Malu mulher, 197
Bozo, 198
TV Mulher, 201
Fausto Silva, 203
Guel Arraes, 207
Pedro Bial, 208
Gugu Liberato, 211
Gloria Perez, 213
Armação ilimitada, 214
Luiz Fernando Carvalho, 216
Grande sertão: veredas, 219
Roque Santeiro, 221
Anos dourados, 225
Roda viva, 226
Xuxa, 229
TV Pirata, 231
Vale tudo, 233
TV por assinatura, 236
MTV, 238
Pantanal, 241
Novelas infantis do SBT, 243
Você decide, 246
Casseta & Planeta, urgente!, 248
Castelo Rá-Tim-Bum, 250
Sai de baixo, 253
João Emanuel Carneiro, 254
Os normais, 256
Big Brother Brasil, 258
Hoje é dia de Maria, 260
Avenida Brasil, 263
Posfácio, 265
Agradecimentos, 267
Créditos das imagens, 269

Assis Chateaubriand
em 1950, já poderoso
empresário das
comunicações,
quando trouxe a
televisão para o Brasil.



Assis Chateaubriand

Pioneiro e visionário

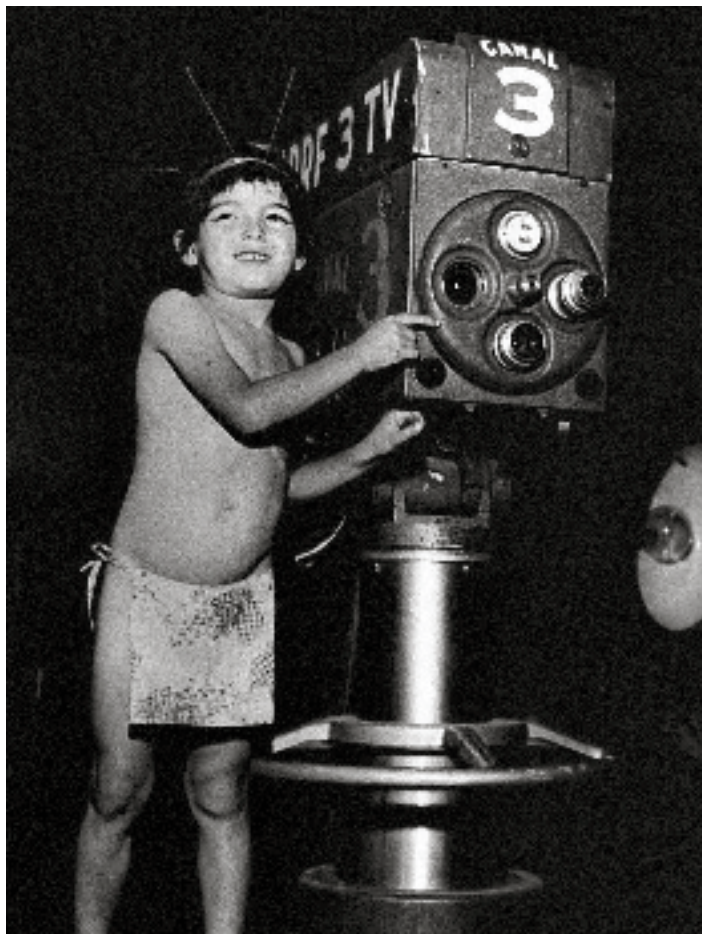
O homem que trouxe a televisão para o Brasil em 1950 sonhava grande e era empreendedor. Essa combinação de traços de personalidade e o fato de ele já ter, àquela altura, construído um império no ramo das comunicações, os Diários Associados, foram fundamentais na fundação da TV Tupi. O que parecia uma aventura arriscada aos olhos de muitos acabou mudando o país para sempre. Foi a semente da mais poderosa indústria cultural já instalada no Brasil. Francisco de Assis Chateaubriand Bandeira de Mello nasceu em 1892 em Umbuzeiro, na Paraíba. Até os 10 anos foi gago, era miúdo, mas nada disso o impediu de ir longe. Aos 15 anos, começou a trabalhar como repórter em Recife. Formou-se em Direito, mudou-se para o Rio de Janeiro e se tornou colaborador fixo do *Jornal do Brasil* e do *Correio da Manhã*, consolidando, já nessa época, a fama de polemista. Aos 32 anos, tornou-se dono de *O Jornal* e, em duas décadas, construiu um conglomerado jornalístico que incluía 36 jornais, 19 estações de televisão, 25 emissoras de rádio, 18 revistas e duas agências de notícias. Até morrer, em 1968, teve grande influência política, atuou como mecenas das artes, ajudando a montar o Museu de Arte de São Paulo (MASP), entrou para a Academia Brasileira de Letras e colecionou inimigos fadados.

O projeto da primeira estação de televisão da América Latina estava em andamento em 1949. Em *Chatô, o rei do Brasil*, Fernando

Morais conta que em fevereiro daquele ano o radioator Walter Forster e os radialistas Cassiano Gabus Mendes e Dermival Costa Lima jogavam peteca num campinho no pátio da Rádio Difusora, no Alto do Sumaré. Eles foram interrompidos pelo patrão, que estava acompanhado de um mestre de obras responsável por medir o lugar com uma trena. “Vocês vão jogar peteca no diabo que os carregue; aqui vão ser os estúdios da TV Tupi”, anunciou. Ele já tinha comprado o equipamento nos Estados Unidos. Não era apenas o terreno do campinho de peteca que estava sendo preparado para uma grande transformação. Todos os contratos dos funcionários das emissoras associadas que venciam eram renovados mediante a concordância com uma cláusula nova: a pessoa se comprometia a trabalhar para o rádio e para a televisão.

Assim, Chateaubriand implementou a nova mídia com profissionais egressos do rádio. O diretor artístico era Dermival, que ocupava a mesma função nas rádios Tupi e Difusora. O principal assistente dele, Cassiano, mal havia completado 20 anos. Pouco antes da inauguração, alguém se lembrou de que ninguém tinha televisores em casa. Chatô mandou vir dos Estados Unidos 200 aparelhos, contrabandeados para evitar a Alfândega. O imprevisto e a experimentação dominaram os primórdios da televisão no Brasil. Mas a Tupi prosperou e, em 1960, já era uma rede. Lá foram produzidos

À direita, na festa da inauguração, o indiozinho, símbolo da TV Tupi, junto à câmera que, como os demais equipamentos, tinha sido importada dos Estados Unidos. Abaixo, a primeira imagem, com o logotipo do canal.





Sob o comando de Chatô, a Tupi produziu programas pioneiros.

programas pioneiros e as primeiras novelas brasileiras. Foi na tela da Tupi, em *Sua vida me pertence* (1951), que Vida Alves e Walter Forster deram o primeiro beijo na boca da história da teledramaturgia nacional.

Em 1966, surgiu o programa infantil *Clube do Capitão Aza* e, em 1968, a novela *Beto Rockfeller*. Em 1980, em meio a uma crise que já havia causado o fim de seu departamento de jornalismo, a rede foi extinta.

Hebe Camargo

Diva da televisão

Ela era esperada na transmissão inaugural da televisão brasileira, a que marcou o início da Tupi, em 1950. Famosa cantora de rádio, tinha participado da caravana de artistas que acompanharam Assis Chateaubriand ao porto para buscar os primeiros equipamentos de sua rede. Mas Hebe Camargo não apareceu, preferiu atender a um encontro amoroso, segundo reza a lenda. E Lolita Rodrigues, sua amiga, teve que substituí-la. Hebe pode ter faltado a esse compromisso, mas sua presença na TV foi uma das mais marcantes, festivas e permanentes até ela morrer, em 2012, pouco depois de ter assinado contrato com o SBT, de onde havia saído anos antes.

Nascida em 1929 em Taubaté, no interior de São Paulo, a dona do bordão “Lindo de viver!”, que chamava todo mundo de “gracinha” e gostava de receber seus convidados com um selinho, começou como cantora. Ela e a irmã Stella formavam uma dupla caipira na década de 1940. Era o reinado do rádio. Passou pela Tupi e pela Difusora, apresentou-se em boates e, em 1950, lançou um disco compacto de 78 rotações. Uma de suas primeiras aparições na televisão foi um dueto com Ivon Curi, no programa *Rancho Alegre*, da Tupi. Em 1955, passou a comandar *O mundo é das mulheres*, na TV Paulista. Era o início de uma longa estrada como apresentadora. Na Continental, em 1960, foi dona do *Hebe comanda o espetáculo*. Em 1966, já na Record, estreou um dominical com o seu

nome. Tornara-se uma estrela. Ao seu lado tinha o músico Rubens Antônio da Silva, conhecido como Caçulinha. Ali ela começou as entrevistas no sofá, um formato que se consolidou, tornou-se a sua marca e foi imitado muitas vezes. Passou pela Tupi e pela Bandeirantes até chegar ao SBT, em 1986. Em 24 anos trabalhando com Silvio Santos, fez *Hebe*, *Hebe por elas* e *Fora do ar*. Estreou na RedeTV! em 2011, mas em 2012 retornaria à emissora de Silvio. Dias antes de morrer, em setembro do mesmo ano, mandou uma



Com Wilson Simonal, cantando no Festival de Música da Record nos anos 1960, em São Paulo.



Em 1974,
já louríssima,
apresentadora
na Record.



mensagem para os fãs pelas redes sociais: “Meus lindos, nem acredito! Estou de volta ao SBT, meu coração está disparado e feliz!” Não deu tempo de voltar ao ar.

Alegre, exuberante, amorosa, contraditória, dona de opiniões políticas conservadoras e ao mesmo tempo exemplo de mulher liberada, uma vez resumiu assim sua maneira de se comportar no ar: “Sou uma pessoa muito autêntica. Se tiver que chorar, choro, e não fico preocupada com a maquiagem que está borrando.” Tudo verdade.



Na foto maior, no seu programa do SBT, em 1993. Acima, com Nair Bello, amiga que a acompanhou a vida inteira, e Lélío Ravagnani, o marido, em dezembro de 1983.

Manoel Carlos

Cronista do cotidiano

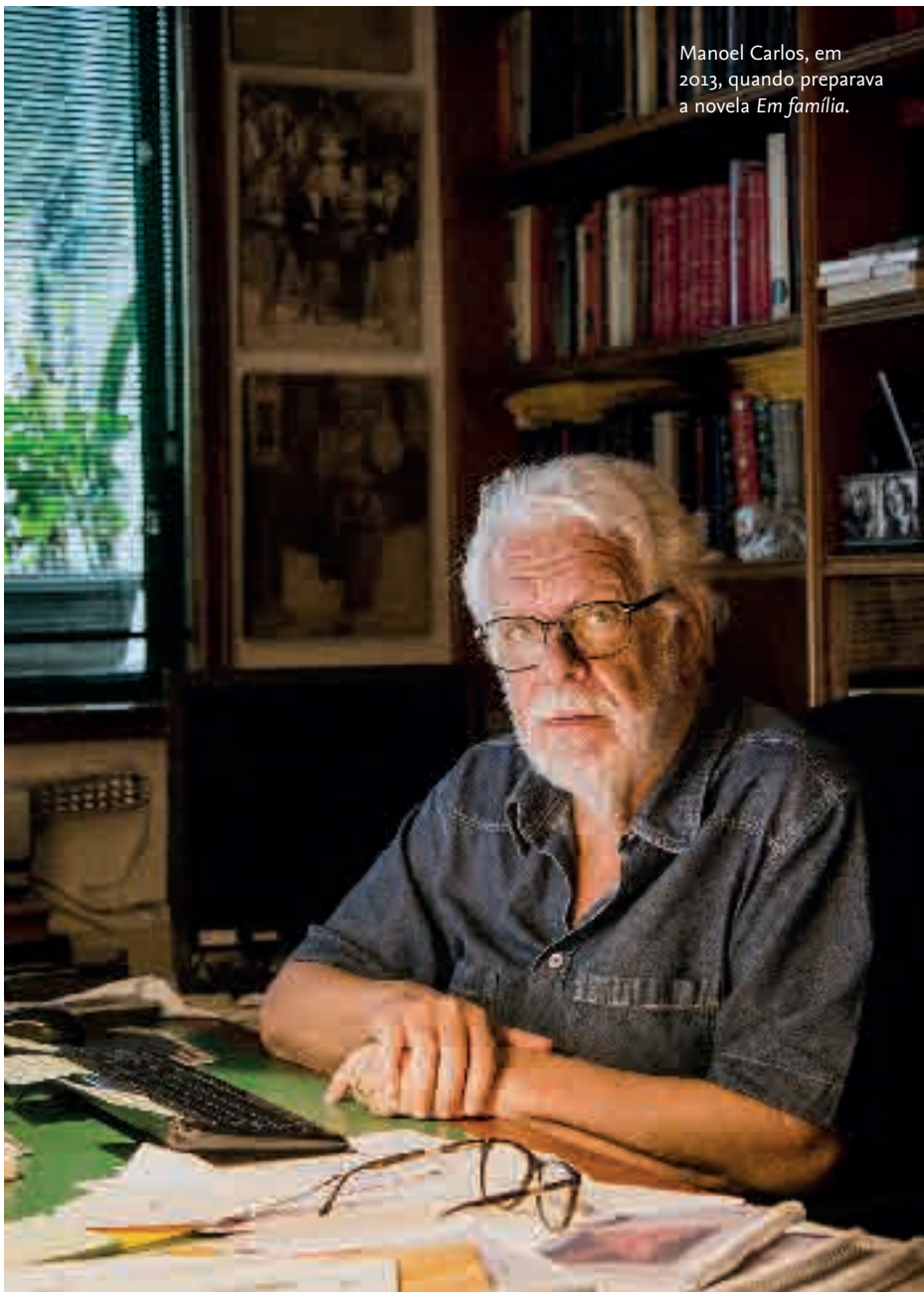
Mais conhecido pelas novelas que escreveu, Manoel Carlos contribuiu para a televisão brasileira também como diretor, produtor e até ator. Ele, aliás, começou atuando, no *Grande Teatro Tupi*, em 1951, dirigido por Antunes Filho. Ali também adaptava as peças levadas ao ar. Depois disso, dirigiu *Família Trapo*, na Record, nos anos 1960, entre outros programas. Em 1972, convidado por Boni, com quem trabalhara na TV Excelsior, assumiu a direção do *Fantástico* na Globo. A atração estreou em 1973, com Maneco, como é conhecido por todos, como diretor-geral. A primeira novela que escreveu veio em 1978, às 18h, *Maria, Maria*, uma adaptação literária (*Maria Dusá*, de Lindolfo Rocha). Em seguida, fez *A sucessora*, novela com Susana Vieira e Rubens de Falco. Eles moravam numa elegante mansão no Flamengo. Naquela época, ainda não havia sinal de Leblon na ficção dele.

Colaborou com Gilberto Braga em *Água viva* (1980) antes de assinar sua primeira trama das oito (ainda não era das nove, como hoje), *Baila comigo*, em 1981. Foi também quando surgiu Helena, nome com o qual ele batizaria todas as protagonistas de suas histórias a partir de então. A primeira delas foi Lilian Lemmertz e, curiosamente, a Helena mais recente da obra dele coube a Julia Lemmertz, a filha dela, na novela *Em família*, de 2014. Maneco esteve um período na Manchete, onde criou a minissérie *Viver a vida* (1984) e a novela *Novo amor* (1986). E passou pela

Bandeirantes, com a minissérie *O cometa* (1989). Até voltar para a Globo em 1991.

“O Leblon de Manoel Carlos” existe, mas acrescido de ingredientes da ficção. Ele é um cruzamento de esquinas reais com um lugar mítico e só existe nos enredos. Maneco gosta de mencionar figuras do bairro nos diálogos, como o jornalista ou o dono da padaria, assim as gravações ali foram se tornando “acontecimentos”. O público, curioso, passou a se aglomerar para acompanhar. Isso acabou causando transtornos para os moradores e até impulsionou o preço dos imóveis. A tal ponto que na novela *Em família* evitou as externas e usou ruas da região reproduzidas no Projac, os estúdios da Globo no Rio. Muitas atrizes sonharam ser “uma Helena de Manoel Carlos” (normalmente, também uma moradora do “Leblon de Manoel Carlos”). Ele tem, portanto, uma assinatura forte que o telespectador comum é capaz de reconhecer na primeira cena.

Suas histórias costumam retratar fatos prosaicos. Ao lado disso, há as notas dissonantes que fazem o público ficar incomodado, refletir e, eventualmente, se identificar com seus personagens. Foi o caso da mãe que troca seu filho vivo pelo bebê natimorto da filha em *Por amor* (1997); da avó malvada e arrogante que rejeita a neta com síndrome de Down em *Páginas da vida* (2006); ou da linda modelo que fica tetraplégica em *Viver a vida* (2009). Maneco também criou minisséries de sucesso, a mais popular delas, *Presença de Anita*, em 2001.



Manoel Carlos, em 2013, quando preparava a novela *Em família*.

Os Trapalhões

Os donos do humor ingênuo

Poucos bordões da televisão tiveram o alcance de “Ô psiti!” e “Ô da poltrona!”. Essas e outras frases clássicas de Didi Mocó Sonrisal Colesterol Novalgina Mufumbo fizeram a felicidade de telespectadores de todas as idades. Elas expressam também, por excelência, a capacidade de Renato Aragão de se comunicar de forma direta com o público. Quem não assistiu a ele na infância e, mais tarde, levou os filhos para vê-lo no cinema? O adorável *clown* nasceu oficialmente em 1960, no programa *Vídeo alegre*, na recém--inaugurada TV Ceará, em Fortaleza. Era, então, simplesmente Didi, criação imortal de Renato Aragão, que, aos 25 anos, ganhou um concurso da emissora para o papel de realizador (que reunia as tarefas de ator,

produtor, diretor e redator). Foi seu primeiro trabalho como artista. Chegou ao Rio em 1964, já famoso no Ceará, para integrar o elenco da TV Tupi, onde participou de *A, E, I, O...Urca*. Ali encontrou Dedé Santana, com quem trabalharia por muitos e muitos anos e com quem fez seu primeiro filme (*Na onda do iê-iê-iê*, de Aurélio Teixeira, em 1965). Em programas na Tupi, Excelsior e Record, Renato foi aprimorando sua vocação e entendendo definitivamente seu destino de artista.

Na extinta TV Excelsior, em 1966, Renato estrelava *Os adoráveis trapalhões*, dividindo o cenário e as piadas com Dedé, Wanderley Cardoso, Ted Boy Marino e Ivon Curi, e também participava de outros programas de auditório. Um dia, num esquete ao vivo, Didi

Renato Aragão, Zacarias, Mussum e Dedé Santana, a formação mais conhecida dos Trapalhões, na Globo, em 1984.



Dedé, Mussum, Didi e Zacarias, em 1978, auge do sucesso na TV e no cinema, onde estrelaram *Os Trapalhões na guerra dos planetas*.



era entrevistado para conseguir um emprego e, diante da insistência do entrevistador em saber o nome todo, algo que ainda não havia imaginado, improvisou a alcunha. Os cacós, aliás, se tornariam uma marca registrada dele e de sua turma. Naquele momento, Didi Mocó e Renato, já indissociáveis, entravam de vez para a história da TV brasileira.

A ida para a Record, em 1971, marcou a formação daquele que seria o quarteto definitivo batizado de Trapalhães: o programa *Os insociáveis* reunia, além de Didi e Dedé, Antônio Carlos Bernardes, o Mussum, e Mauro Gonçalves, o mineirinho Zacarias. Em 1974, os quatro foram para a Tupi fazer o programa *Os Trapalhães*, enorme sucesso de público que chegaria em 1977 à TV Globo, onde permaneceria até 1995, animando as noites de domingo. Em 1983, o grupo, desgastado, se desfez durante seis meses, nos quais Didi comandou sozinho o programa na emissora. No ano seguinte, porém, o quarteto voltou à grade.

Em 1995, depois da morte de Zacarias (1990) e de Mussum (1994), Renato disse ter ficado “sem rumo”, sem vontade de trabalhar. Ele e Dedé dedicaram-se apenas a especiais

esporádicos, além de uma série de programas em Portugal. Em 1998, *A Turma do Didi* trouxe Renato de volta, sozinho, já que desentendimentos o afastaram do parceiro Dedé. Em 2008, depois de uma longa separação, Dedé Santana retornou à Globo para se juntar a Renato naquele humorístico. Foi recebido com festa e alegria pelo primeiro trapalhão. A produção acabou em 2010, sendo substituída por *Aventuras do Didi*, que se estendeu até 2012.

Nesses anos todos, foram dezenas de filmes e programas de televisão. O êxito do grupo atravessou e formou gerações de público. O Canal Viva reprisou, com sucesso de audiência, edições antigas dos programas deles. A ideia de voltar a produzir uma série com os personagens do quarteto estrelada por Renato está sempre circulando nos bastidores da televisão. Em 1986, durante o programa comemorativo dos 20 anos dos Trapalhães, a Globo lançou a campanha Criança Esperança, que anualmente incentiva doações dos telespectadores para várias instituições de amparo à infância e à juventude. Desde então, a atração vem sendo capitaneada por Renato, que em 1991 se tornou embaixador do Unicef no Brasil.

Festivais de música

O berço da MPB

Se está no futebol a expressão maior da devoção e da empolgação dos brasileiros, pode-se dizer que os festivais de música que tomaram o país entre meados dos anos 1960 e meados da década de 1980 eram uma espécie de campeonato, de Fla x Flu da área, com o público participando, torcendo, vaiando, aplaudindo, dando o tom de cada temporada. E não era para menos. Promovidos por emissoras de TV – Excelsior, Record, Rio, Tupi e Globo, todas tiveram os seus –, os festivais foram palco privilegiado para o surgimento e a consolidação de grandes nomes da música brasileira, oriundos de vários cantos do país. Chico Buarque, Edu Lobo, Tom Jobim, Geraldo Vandré, Gilberto Gil, Caetano Veloso, Os Mutantes, Djavan, Milton Nascimento, Jorge Ben, Paulinho da Viola, Elis Regina, Maysa, Nara Leão, Beth Carvalho, Nana Caymmi, Gal Costa, Emílio Santiago e tantos outros passaram pelo crivo dos jurados e do público em noites animadas como decisão de campeonato. Aliás, muitas finais de festivais aconteceram em um templo do esporte (não o futebol), o Maracanãzinho.

Era fácil perceber que a grande história da MPB estava sendo escrita ali, ainda que muitos artistas sofressem com vaias estrondosas da plateia. Em 1967, no III Festival de Música Popular Brasileira, da TV Record, o cantor e compositor Sérgio Ricardo protagonizou a cena que talvez seja a mais lembrada daquela época: impedido pelos gritos do público de continuar a cantar “Beto bom



Gilberto Gil cantando na TV Record, em 1967.

de bola”, com a qual concorria, ele quebrou seu violão e jogou o instrumento na plateia. A delicada e sofisticada “Sabiá”, de Chico Buarque e Tom Jobim, interpretada por Cyndra e Cybele, também venceu sob vaias, em 1968, o III Festival Internacional da Canção, da TV Globo. O público preferia “Pra não dizer que não falei das flores”, de Geraldo Vandré, que ficou em segundo lugar. É bom lembrar que, em tempos de ditadura militar, soltar a voz nas estradas e nos festivais era também um jeito de protestar e lutar por liberdade.



Ao lado, Elis Regina se apresentando no III Festival de Música Popular Brasileira, em 1967, na Record. Ao fundo, os apresentadores Sonia Ribeiro e José Blota Júnior. Abaixo, Os Mutantes no III Festival Internacional da Canção, na Globo, em 1968.



A música de Vandré virou um hino de resistência e logo depois foi proibida. Já nos anos 1980, Lucinha Lins protagonizou outra vaia monumental, em pleno Maracanãzinho, quando “Purpurina” (de Jerônimo Jardim), interpretada por ela, foi anunciada a vencedora do MPB Shell 81, promovido pela Globo. A franca favorita do público era “Planeta Água”, de Guilherme Arantes.

Desde o início os festivais foram canteiros férteis de clássicos da MPB. O I Festival de Música Popular Brasileira, promovido pela TV Excelsior em 1965, já deixara para a posteridade “Arrastão”, de Edu Lobo e Vinicius de Moraes, que levou o primeiro lugar na voz de Elis Regina. No primeiro dos quatro festivais da Record, em 1966, um empate: “A banda”, de um jovem promissor chamado Chico Buarque, que lançaria seu primeiro disco naquele mesmo ano e participaria de vários outros concursos, dividiu o troféu de campeã com “Disparada”, de Théo de Barros e Geraldo Vandré. Nara Leão defendeu a primeira e Jair Rodrigues, a segunda, numa interpretação antológica. Em 1967, “Ponteio”, de Edu Lobo e Capinam, encabeçou o rol das vencedoras, seguida por “Domingo no parque”, de Gilberto Gil; “Roda viva”, de Chico Buarque; “Alegria, alegria”, de Caetano Veloso; e “Maria, carnaval e cinzas”, de Luiz Carlos Paraná, na voz de Roberto Carlos. “Sinal fechado”, de Paulinho da Viola, saiu vitoriosa do último festival da Record, em 1969.

Outro grande palco para a música brasileira foi o Festival Internacional da Canção, criado

por Augusto Marzagão, que começou na TV Rio, em 1966, e seguiu na TV Globo de 1967 a 1972. “Travessia”, de Milton Nascimento, e “Carolina”, de Chico Buarque, ficaram em segundo e terceiro lugar, respectivamente, em 1967, perdendo para “Margarida”, de Guarabyra, mas viraram clássicos instantâneos. E quem não se lembra de “Cantiga por Luciana” (de Edmundo Souto e Paulinho Tapajós), cantada por Evinha, vencedora de 1969? E “BR-3” (de Antônio Adolfo e Tibério Gaspar), que ganhou em 1970 no gingado de Tony Tornado e do Trio Ternura? E de “Fio Maravilha”, de Jorge Ben Jor (na época Jorge Ben), que virou praticamente um hino carioca? Foi a música campeã de 1972, na voz de Maria Alcina.

A TV Globo continuou a promover grandes festivais até os anos 1980. No MPB-80, Oswaldo Montenegro, que no Festival de MPB no ano anterior ficara em terceiro com “Bandolins”, conquistou o primeiro lugar com “Agonia”. Foi o ano em que concorreram também, embora sem ganhar nada, “Demônio Colorido”, um hit de Sandra de Sá, e a irreverente e inesquecível “Nostradamus”, de Eduardo Dussek. No Festival dos Festivais, em 1985, “Escrito nas Estrelas” (de Arnaldo Black e Carlos Rennó), na voz aguda de Tetê Espíndola, foi a vencedora. E ali se revelava também uma das belas vozes da música brasileira contemporânea, Leila Pinheiro. Ela defendeu “Verde” (de Eduardo Gudin e José Carlos Costa Netto), que terminou em terceiro lugar, mas a música lhe garantiu o prêmio de melhor intérprete.



ESTAÇÃO
BRASIL

Estação Brasil é o ponto de encontro dos leitores que desejam redescobrir o Brasil. Queremos visitar e revisar a história, discutir ideias, revelar as nossas belezas e denunciar as nossas misérias. Os livros da *Estação Brasil* misturam-se com o corpo e a alma de nosso país, e apontam para o futuro. E o nosso futuro será tanto melhor quanto mais e melhor conhecermos o nosso passado e a nós mesmos.